

A vontade do Pai

*Teologia da dependência e
pertencimento*

ELSIE GILBERT
JAMES GILBERT

Trecho do livro “Uma criança os guiará”,
publicado pela Editora Ultimato, 2010.

A vontade do Pai **SU- MÁ- RIO**

*De onde vem o pertencimento- pg 3

*Dependência antes da queda - pg 5

*Independência moderna - pg 8

*O paradoxo da cruz- pg 9

*Dependentes de Jesus,
interdependentes de nossos irmãos- pg 10

*Para pensar- pg 10

James B. Gilbert e Elsie Bueno Cunha Gilbert são missionários no Brasil desde 1998. James é norte-americano e Elsie é pernambucana. Moram em Viçosa, MG, e trabalham com a ONG Rebusca, que atende crianças e famílias em situação de risco social. James é pastor e professor de teologia sistemática e Elsie é editora da revista Mãos Dadas.



“Por que Deus não deixa a gente voltar para casa?” Essa foi a pergunta de um menino numa visita à Casa Lar Betânia, do Vale da Bênção, 1 que chocou a mim e também aos meus colegas. Conversávamos sobre as cidades no Brasil. A pergunta surgiu no final da conversa e partiu de um adolescente de 14 anos. Percebemos imediatamente que sua pergunta encontrava eco nos outros onze meninos da casa. Moravam num lugar bonito, limpo, bem cuidado, recebiam comida, educação e atenção, mas não sentiam que pertenciam a ele - estavam de passagem.

De volta ao hotel, refletimos em grupo sobre nossa visita. Tanto a visita como as reflexões que se seguiram faziam parte da Primeira Consulta de Teologia da Criança, realizada em setembro de 2006, em Itu, São Paulo. Comecei a entender a importância do “pertencer” e a importância da “dependência”. Para minha surpresa, as crianças estavam revelando um distanciamento do nosso jeito adulto de pensar. Fomos lá ouvir seus pensamentos sobre “como seria uma boa cidade”. Elas responderam muitas coisas. Nossa preocupação era com a paz, a ordem e a segurança. Eles também tinham essas preocupações. Todos na cidade ideal teriam casas para morar, os pobres poderiam ir à igreja e haveria muitas árvores. Ao final da visita, perguntamos: “Se vocês tivessem a chance de perguntar a Deus qualquer coisa, o que seria?”. Foi então que o adolescente fez a pergunta que nos remeteu às questões teológicas sobre dependência e pertencimento.

Por que dependência e pertencimento? A pergunta proferida naquele contexto se tornou um referencial para nós de sua dependência. Reconheciam que dependiam dos adultos, daquele abrigo, do juiz, do estado, e, em última instância, de Deus. Ao mesmo tempo, lidavam com questões de pertencimento. Não se sentiam pertencentes àquele lugar. Sabiam que sua estadia ali era passageira e que por isso aquele era um lugar ao qual jamais pertenceriam.

O desafio daquele adolescente mexeu comigo. Como um missionário norte-americano, sei como é morar em um lugar do qual se gosta, mas ao qual não se pertence. É possível fazer amizades, ajudar (e às vezes atrapalhar), mas sempre serei um “peixe fora d’água”. Depois de um tempo você descobre que se sente da mesma forma em sua terra natal. Pertencer é muito importante; uma boa parte da formação da nossa identidade se dá a partir dessas relações de pertencimento.

De onde vem o pertencimento?

1

Dependência física e biológica. Parece que o pertencimento está intimamente ligado à dependência. Um bebê nasce totalmente dependente de sua família. Sem um adulto, esse bebê morreria. Ele pertencerá a quem se responsabilizar por cuidar dele. Pertencimento implica uma série de direitos. Em circunstâncias normais, os filhos não se julgam intrusos, ou um peso para os pais. Sentem que o trabalho que dão é algo perfeitamente normal, justo. O sentimento de pertencimento faz com que se sintam perfeitamente bem ao receber o cuidado e a interferência dos pais. Quando um bebê passa a pertencer a uma família, ele passa também a desfrutar das coisas boas e a sofrer o impacto dos problemas presentes naquele meio.

Na verdade, o pertencimento começa na concepção, no momento em que uma matéria física é doada pelos pais. A vida depende desse material biológico, de seu desenvolvimento, que está ligado à nutrição e saúde da mãe. A dependência começa com nossos corpos - é algo biológico, algo físico. Ela continua ao nascermos, pois recebemos um espaço de propriedade de nossos pais e protegido por eles. Esse espaço (casa, apartamento, barraco) está inserido em um país ao qual pertencemos e no qual exercemos a cidadania. A quebra desse ciclo natural se dá de várias formas e surte efeitos negativos; por isso há grupos que precisam da nossa atenção especial, pois estão “fora do arraial” e sofrem as consequências de não pertencerem: os sem-teto, os sem-terra, os imigrantes, os desterrados, os exilados. O pertencimento começa com uma relação de dependência física.

Dependência física e identidade. Uma consequência importante dessa dependência física é a formação da identidade. Nossa identidade é formada a partir dos pais, que nos doaram sua matéria física, seu nome e sua herança cultural, do lugar onde fomos criados, do contexto histórico-familiar, da língua que aprendemos, do contexto socioeconômico no qual estamos inseridos e dos grupos sociais aos quais pertencemos. A maioria do que “somos” vem de fatores sobre os quais não tivemos nenhum controle, ou seja, não pertencemos ao que escolhemos pertencer. Pertencemos ao que nos sustentou e que nos mantém, àquilo com o qual criamos algum vínculo.

2

3

A dimensão do direito. Há no conceito de pertencimento a dimensão do direito. Como sabemos que uma pessoa está “fora”, que não pertence a um grupo? Há dois indicadores: ela não tem nenhuma obrigação com aquele grupo e não goza de nenhum direito. Se eu quiser pertencer a um grupo, à medida que ingressar nele, crio uma relação de dependência com ele para uma série de coisas: relacionamentos, posição social, aprovação e reconhecimento, apoio quanto a minha subsistência e subsídios para a manutenção da minha identidade. A relação que se estabelece é de troca e interdependência: tenho obrigações de um lado, direitos ou privilégios de outro. Talvez a maior dificuldade dos meninos da Casa Lar Betânia era acreditar que tinham o direito de estar ali, de receber, de serem cuidados, de depender de pessoas diferentes daquelas que em sua primeira infância os fizeram sentir pertencentes, ou seja, suas famílias biológicas.

O fato de sua passagem ali ser temporária era prova de uma ruptura nessa relação natural de pertencimento. Eles pertenciam àquele lugar, mas apenas temporariamente, ou seja, seus direitos também eram temporários e isto lhes causava angústia. Para sentir que pertencemos a algo precisamos sentir que temos o direito de depender (enquanto crianças) o direito de interagir de forma interdependente (quando adultos).

A dimensão social da dependência. O governo do qual dependemos governa o país ao qual pertencemos, por bem ou por mal. Dependemos dele para a manutenção da paz e da ordem, para a condução da economia, para o acesso à educação e saúde, entre outras coisas. De um lado, o estado depende dos indivíduos para sua sustentabilidade e legitimidade; do outro, cada indivíduo depende do estado com relação aos seus direitos como cidadão. Sem o pertencimento e o reconhecimento da nossa dependência como indivíduos na sociedade como um todo, é difícil trabalhar por uma sociedade melhor. O que nos leva à ação e à mudança é a consciência de que sofreremos as consequências se algo não for feito sobre esta ou aquela situação. Dependemos dessa sociedade para o nosso bem estar; portanto, precisamos atuar nela.

4

Dependência como um valor teológico. O exercício que fizemos na consulta teológica em Itu não tinha a intenção de focar a situação da criança, buscando soluções para a mesma. Visava conversar com a criança e a partir dessa conversa refletir sobre nossos conceitos teológicos. A inspiração veio de Mateus 18.1-5, quando os discípulos disputavam qual deles seria o maior no reino de Deus. Um debate essencialmente teológico, Jesus respondeu colocando uma criança no meio deles e dizendo: “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no reino dos céus”.

Na fala da Jesus a humildade é posta em evidência e a criança é apresentada como um referencial dessa humildade. Jesus vê na criança uma importante virtude: a humildade. E isso faz com que ela reconheça algo que os adultos desconsideram: o ser dependente.

Atualmente, dependência é um conceito com uma conotação negativa, ao passo que, em geral, o pertencimento é tido como algo positivo. O que me surpreendeu em nossa reflexão em Itu foi a nova perspectiva sobre a importância da dependência e sua ligação com o pertencimento, sobretudo em relação ao Criador. Dependemos completamente dele, quer queiramos ou não. É ele quem sustenta a vida, o universo - algo que parece escapar da nossa percepção e atenção no dia-a-dia.

5

Dependência antes da queda

Dependíamos de Deus quanto a nossa identidade. A Bíblia começa com uma explicação sobre a criação dos seres humanos e nos diz que recebemos nossa identidade do Criador: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26).

Fomos criados à semelhança do Criador para viver na dependência dele. Somos de sua jurisdição, pertencemos a ele. Portanto, ele nos criou como seres especiais, à sua semelhança, e deu-nos a capacidade de gerar filhos à nossa semelhança.

Dependíamos de Deus quanto as nossas realizações e posição social. Deus nos deu responsabilidades, um lugar de destaque na criação, um trabalho, uma missão: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”.

Ele delegou aos seres humanos o governo, um papel de liderança sobre toda a criação.

Dependíamos de Deus quanto as nossas habilidades específicas. E por fim, ele nos deu uma capacidade especial para cumprir nossas tarefas. A primeira tarefa atribuída a Adão foi dar nomes a todos os animais.

O poder de dar nomes, o potencial da palavra, da linguagem, da comunicação verbal, foi algo destinado apenas aos seres humanos e é a fonte de toda criatividade; o fundamento da poesia, da arquitetura, da moda, do artesanato, da música, do teatro, da filosofia, da história etc. Ou seja, esse “pacote” de atribuições dadas por Deus confere ao ser humano um lugar privilegiado na criação. E esse lugar na criação nos confere dignidade.

O homem e a mulher, criados por Deus, dependiam dele para tudo: sua identidade, seu propósito de vida, sua inteligência, seus relacionamentos, sua influência, seus recursos. Essa dependência do Criador foi julgada por Deus como algo bom. “Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” (Gn 1.31).

Dependência após a queda. A dependência de Deus e interdependência entre os seres humanos sofreram uma grande transformação ao longo do tempo. Por que será que hoje trabalhamos incansavelmente para evitar todos os tipos de dependência; seja relacional, econômica, ou política?

Por escolha humana, houve uma ruptura entre o Criador e a humanidade que começou quando o homem e a mulher preferiram, em vez de depender de Deus, depender do seu próprio conhecimento.

Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal”. Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. Gênesis 3.4-6

O que Adão e Eva fizeram não foi sair da dependência, pois isto era insustentável - todo ser humano depende de Deus para sua subsistência. O que fizeram foi negar para si mesmos essa situação de dependência, tentando viver de forma autônoma. Em outras palavras, se opuseram à dependência, condição básica de vida, e declaram-na como sendo algo ruim, indesejável. A opção oferecida pela serpente era depender do seu próprio conhecimento do “bem e do mal”. Com esse conhecimento, seriam como Deus. A vida após a queda passa a ser uma constante busca pela autonomia e uma negação contínua da nossa dependência de Deus.

Dependemos de nós mesmos quanto a nossa identidade.

Logo que isto aconteceu, Adão e Eva esconderam-se de Deus. Agora, conhecendo o bem e o mal, eles sentiram vergonha. Por quê? Vergonha é um sentimento que expressa alienação e medo do abandono e da desgraça e é causado pelo fracasso em atendermos as nossas próprias expectativas. 2 A expectativa era que seriam iguais a Deus. Porém, viram essa promessa se desvanecer com a mesma rapidez com que comeram da fruta. Não se tornaram como Deus. Tornaram-se apenas mais conscientes da sua pequenez diante dele.

No ato de comer do fruto. Adão e Eva fizeram dois movimentos opostos e simultâneos: aproximaram-se do conhecimento do bem e do mal e afastaram-se do seu Criador, pois ambos sabiam que ele proibira esse ato. Ao desejarem uma sabedoria divorciada do Criador, abandonaram deliberadamente sua relação com Deus. Seus olhos se abriram para a beleza do fruto e seus corações se fecharam para Deus. Foi por isso que nesse ato eles se alienaram do Criador, deixaram de pertencer a ele. Eram de fato dependentes de Deus, mas agora se ressentiam disso e assim sentiam vergonha.

A escolha humana de se alienar de um relacionamento vivo e contínuo com Deus e de se basear numa sabedoria divorciada do Criador faz com que a imagem de Deus colocada na criação de todo ser humano se enfraqueça. Em seu lugar temos uma sociedade que está constantemente à procura de identidade. Buscamos essa identidade por meio da posição social, da origem familiar, da capacidade intelectual, das conquistas pessoais, do poder etc.

Dependemos de nós mesmos quanto às nossas realizações e posição social. Antes da queda, o ser humano se sentia realizado em cumprir as responsabilidades dadas por Deus num ambiente em que o mal não estava presente e, portanto, não estragava ou destruía o seu trabalho. Havia a confiança e a garantia de que tudo daria certo sob a providência do Criador.

Num mundo afastado do Criador, toda a natureza sofre; há um desequilíbrio da ordem criada que afeta os seres humanos e ameaça sua sobrevivência. A dor e o sofrimento se fazem presentes de forma constante - mais como regra do que como exceção.

O ser humano, cuja posição de destaque na criação lhe conferia a responsabilidade de governar e cuidar, passa a ter uma atuação de abusador e destruidor do meio ambiente. Quem tinha mais capacidades, tinha também mais responsabilidades no serviço ao próximo e à ordem criada. Porém, ao trilharmos o caminho da autonomia baseando-nos em nossa própria sabedoria, inventamos a opressão. 3 Antes, Adão e Eva se correspondiam, se complementavam em união. Agora, reina a luta pelo poder, o desencontro e a violência. A ordem de se multiplicar e encher a terra se torna em uma luta pelo domínio de um povo sobre o outro. O fraco é subjugado pelo forte; o que tem menos serve ao que tem mais. Os mais habilidosos ou capacitados usam sua inteligência para manipular, para adquirir poder, para se sobrepor ao outro. O poder, algo bom sob a dependência de Deus, passa a ser o alvo e o motivo das guerras e de toda sorte de dominação.

Dependemos de nós mesmos quanto às nossas capacidades. Nossas capacidades se tornam uma mercadoria, uma moeda de troca na busca por poder e posição social. Lançamos mão delas para sobrepor uns aos outros. Usamos a linguagem para difamar, oprimir e alijar pessoas. Usamos nossa criatividade para criar esquemas de “segurança” nos quais as outras pessoas se tornarão dependentes dos nossos serviços ou bens. Usamos a nossa arte para expressar repugnância pela moral e os bons costumes.

Um negócio infeliz. Quando Adão e Eva aderiram à proposta da serpente, o que eles realmente fizeram foi desprezar o amor de Deus em troca de conhecimento e, implicitamente, poder. O conhecimento é muito inferior ao amor. 4 O conhecimento do bem e do mal só lhes fez mal. Sentiram que não mais pertenciam a Deus, que não tinham mais o direito de se achegar a ele. Não acreditavam que Deus ainda teria boas intenções para com eles. Deus tornou-se um ser a ser temido e evitado. O fato de precisarem dele, de não terem seus poderes, sua soberania, seu controle sobre todo o mundo criado, causou constrangimento e vergonha. A única alternativa era a fuga.

Joel B. Green, em seu livro sobre expiação, diz que a única coisa capaz de combater a vergonha é o amor. 5 Longe de Deus e de seu amor, a situação só foi piorando. E é por isto que o mundo “jaz no maligno”. Separados de Deus, os seres humanos deixam de usufruir do único antídoto contra o mal. O amor ao próximo ainda é o maior obstáculo contra o mal. A humanidade alienada de Deus está aberta para praticar todo o tipo de perversidade contra o seu semelhante. Por outro lado, aqueles que andam com Deus recebem dele o mandamento de amar assim como foram amados por ele.

Independência moderna

Na sociedade moderna, o alvo de todos é conquistar a independência. Queremos ter a garantia de que escolheremos nossa profissão, nossa religião, o parceiro conjugal, a maneira de construir a família, de se vestir, o candidato político, a forma de participação na comunidade e os bens. Essa é a grande conquista da modernidade, cujas origens são calcadas no movimento humanista com suas ideias de progresso e culto à razão humana - pilares da cultura e sociedade modernas.

O problema é que, com todos os avanços tecnológicos e científicos, o mundo ainda é um lugar de dor, ódio, guerra, engano, decepção e opressão. As crianças nas cidades mais modernas continuam extremamente vulneráveis. Hoje temos a capacidade técnica de destruir nosso próprio habitat, o planeta. A grande decepção do mundo atual foi descobrir que a ciência e a tecnologia não cumpriram o seu mandato de “salvar” a humanidade de suas mazelas.

Os indivíduos modernos gozam de muitas liberdades; mas, apesar delas e em parte por causa delas, vivem grandes angústias existenciais. Insistem em pensar que a autonomia seria a solução para seus problemas, mas sentem-se fragmentados, desconectados, fragilizados, abandonados e convictos de que não pertencem a nada e a ninguém.

Apesar da decepção, insistimos no mesmo otimismo que acometeu Adão e Eva. Séculos depois, a sociedade moderna continua seduzida pelo “conhecimento do bem e do mal”. Proclamamos a ciência e a tecnologia como nossa tábua de salvação ao ponto de levar mulheres a desprezarem o seu próprio leite materno em favor do leite em pó! O resultado é a vergonha. É vergonhoso ter comida suficiente para alimentar o mundo inteiro e ainda assim ter crianças passando fome em sua própria cidade! É vergonhoso termos capacidade tecnológica para conectar o mundo inteiro via internet e termos grandes bolsões humanos que não sabem sequer ler ou escrever!

Esse ideal de independência falhou porque é fruto da mais antiga mentira da história da humanidade. Fomos criados para sermos dependentes de Deus e interdependentes entre nós. As sociedades modernas trocaram a coerção do estado pré-moderno e das guerras religiosas, realizadas em nome de Deus, por um mundo de coerção dos desejos interiores e individuais, que vivem em eterno conflito com o desejo de paz e harmonia em comunidade. Somos escravos de nós mesmos e de nossos caprichos egocêntricos. Agora escolhemos uma série de coisas, mas continuamos com a violência doméstica e urbana, com os problemas de ordem psiquiátrica, com os conflitos relacionais, com os vícios e comportamentos autodestrutivos, com a exploração sexual de crianças e adolescentes, com a corrupção de nossos governantes, com a dominação econômica dos grandes sobre os pequenos, com a fome e a miséria de muitos em contraste com o luxo e a ostentação de poucos.

A verdade é que, no lugar da independência que tanto buscamos, somos cada vez mais dependentes do “bem e do mal” das outras pessoas. Toda a sociedade, em qualquer época, sob qualquer estrutura, depende da atitude, dos valores morais e éticos e das responsabilidades individuais das pessoas que a compõem.

O paradoxo da cruz: a dependência e o pertencimento

A cruz sempre foi considerada um paradoxo - nela encontramos uma série de significados aparentemente contraditórios. A vida do Filho de Deus encarnado é uma vida de obediência ao Pai e de dependência completa das outras duas pessoas da Trindade: o Pai e o Espírito Santo. Lemos que Jesus orava ao Pai e que era guiado pelo Espírito Santo. Por que toda essa dependência? Ele não é Deus? Sim, e por causa disso cada um pertence aos outros dois. Na verdade eles têm a mesma essência - esse é o mistério da Trindade.

Porque o Pai, o Filho e o Espírito Santo compartilham da mesma essência, eles, em sua pessoa, dependem uns dos outros. Não porque não sejam completos, mas porque são perfeitos. Vimos que a revelação da Trindade é em parte a revelação de uma comunhão perfeita, que inclui a interdependência e o pertencimento. A vida de Jesus demonstrou de forma perfeita, completa, que ele pertencia a Deus.

A Trindade é algo a imitar. Como afirma o bispo Christopher Mwoleka, da Tanzânia, “Deus não dá esses mistérios para exercermos a arte de especular, eles são exemplos para imitar”. 6 Seguindo isso, podemos aprender muito, inclusive que precisamos depender das crianças assim como elas dependem de nós.

A crucificação coloca em evidência um absurdo! O homem perfeito, Deus-homem, que dependente do Pai, foi à cruz para ser executado pelos que escolheram não depender de Deus. Aquele que é a Palavra de Deus, que estava no princípio com Deus, e que era Deus, aquele que criou o ser humano, humildemente se sujeitou à morte pelas mãos do próprio ser humano! Seres humanos conhecedores do bem e do mal julgaram e condenaram seu criador, completamente bom à cruz! Este o resultado final da dependência do homem de seu próprio conhecimento: a criatura pregando o seu criador numa cruz. 7

Poderíamos dizer que o problema é que os judeus do tempo de Jesus não reconheceram nele o Criador - uma verdade. Ainda assim, é absurdo que nós não o reconheçamos como nosso Criador mesmo depois de sua morte e ressurreição! 8

A dependência de nosso próprio conhecimento do bem e do mal nos leva ao mal. Por toda a história de Deus com a humanidade vemos que, quando as pessoas dependem do Criador, fazem o que é bom. Quando se desviam, desconfiam e dependem de si mesmas, ou de outros “deuses”, fazem o que é mal. A nossa salvação depende de um plano de redenção desenhado pelo Criador e não por nós mesmos.

A obediência e a dependência de Jesus no Pai resultaram em vitória sobre essa tendência humana de confiar na própria sabedoria, de seguir um caminho que leva a morte. Quem aceita aquele que é a Palavra de Deus, depende dele para sua salvação, e, por depender dele, passa a pertencer a ele.

Por que toda essa dependência? Ele não é Deus? Sim, e por causa disso cada um pertence aos outros dois. Na verdade eles têm a mesma essência - esse é o mistério da Trindade. Porque o Pai, o Filho e o Espírito Santo compartilham da mesma essência, eles, em sua pessoa, dependem uns dos outros.

Não porque não sejam completos, mas porque são perfeitos.

Dependentes de Jesus, interdependentes de nossos irmãos

Na oração sacerdotal de Jesus registrada por João, ele deixa claro que seu alvo é o resgate de uma relação entre os seres humanos e Deus, sendo ele o elo, numa relação de pertencimento: “A fim de que todos sejam um, e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.21).

Uma dependência saudável é recíproca, e que por isso nos leva ao pertencimento. Precisamos reconhecer que dependemos uns dos outros, que as crianças dependem de nós, adultos, mas que nosso futuro está nas mãos das crianças de hoje. Precisamos perceber que os idosos precisam das crianças e vice-versa. Precisamos buscar em Deus o verdadeiro pertencimento, cheio de amor e de responsabilidade pelo outro. Devemos então trilhar um caminho baseado na dependência do Triúno Criador, cuja imagem e semelhança está em nós, imitando seu amor, sua obediência e sua confiança para podermos enfrentar nossas sociedades que estão sob o senhorio de Jesus Cristo, o Redentor, mas em rebelião contra ele. Assim nos sentiremos cidadãos dignos do Rei, pertencentes à sua casa e prontos para nos juntarmos à sua mesa assim que ele nos chamar.

Para pensar

- _ Como praticamos a interdependência em nossos relacionamentos (amizades, relacionamento conjugal, pares)?
- _ Como mostramos aos nossos filhos que, apesar de sua crescente autonomia, existe uma interdependência em nossas relações familiares que não deve ser rompida, mesmo que isso implique uma pequena perda de liberdade individual?
- _ Como mostramos a eles que sua dependência no futuro é algo inevitável, porém não vergonhoso?
- _ Como mostrar para nossas organizações sociais e igrejas que devemos manter um relacionamento de interdependência com os “beneficiários” de nossos programas? Como interagir com eles de forma que percebam que pertencem a nós e que nós pertencemos a eles? _ As relações intereclesiais de nossas igrejas locais vivenciam a interdependência em amor?
- _ Na relação da igreja brasileira com a sociedade brasileira, dependemos da Palavra de Deus para exercer o papel de sal, para ter uma atuação profética?
- _ Como podemos depender de Deus, e ao mesmo tempo, pertencer a esta sociedade?

